

REFLETINDO SOBRE A AGRESSIVIDADE E CORAGEM COMO QUALIDADES AOS ATLETAS DE HANDEBOL

Prof^a Dr^a Elaine Romero

Prof. Ms. Mauro Cezar Sá da Silva

Escola de Educação Física e Desportos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O estudo está fundamentado na revisão de literatura, reflete as preocupações face à agressividade, ora como comportamento indesejável, ora visto também como fator positivo a uma equipe esportiva. O propósito norteador do estudo foi fornecer dados para uma reflexão acerca da agressividade e da coragem como qualidades necessárias à prática do handebol. As partidas e os resultados de disputas femininas indicam estreitas relações com as manifestações positivas de agressividade e de coragem. Os dados levantados permitem inferir que a agressividade e a coragem, qualidades adicionais, observadas sob a ótica da psicologia do esporte podem ser classificadas como “virtudes” necessárias para a prática do handebol.

Palavras-chave: agressividade, coragem, história do handebol, gênero

Abstract

The study reflects, based on the methodology focused on review of literature, the concerns in the face of aggression as undesirable behavior in the middle sports doing a counterpoint to a type of demonstration of this behavior, when seen as positive factor to a team. The purpose greater than has guided the work was to provide data for reflection on aggressiveness and courage as qualities necessary for the practice of handball. Focusing on the mode, not a blind eye to the fact that the results obtained by suit female have close relations with demonstrations positive aggressiveness, and the courage was evidenced. The data raised indicate that the aggressiveness and courage, qualities additional observed by Psychology of sport with strong connotation in social sciences, may be classified as “virtues” necessary for handball.

Keywords: aggressiveness, courage, handball history. gender

O contexto histórico

Autores da História da Educação Física dão conta que a bola é um dos mais antigos elementos do esporte. Baseado na utilização das mãos, sem o auxílio de outros instrumentos como no hóquei, no pólo, no tênis, o handebol - uma forma de jogo - pode ser relacionado a muitos jogos que se criaram e desenvolveram dentro de cada época e da cultura de cada povo (Gutierrez, 1980; Marinho, 1980, Ramos, 1983).

Relatos escritos denotam que no Extremo Oriente, os chineses usavam o *tsu-chu*; um jogo com bola, para treinamento militar, uma vez que este exigia preparo físico e muita técnica. No Japão, uma variação do *tsu-chu* ganhou o nome de *kemari*, com proibição de contato corporal.

Na Grécia vamos encontrar dados sobre o *epyskyros*, um jogo que envolvia uma bola feita de bexiga de boi, recheada de areia. Silva (1983) informa que outros jogos com bola também puderam ser identificados, entre eles o *phênides*, o *trigon*, o *jogo de urânia*, o *aporáxis* e o *xantilos*. Sabidamente, entre os gregos esses jogos eram masculinos sendo que às mulheres somente eram permitidos os Jogos em homenagem à Hera, consistindo em uma corrida, apenas.

Gutierrez (1980) sublinha que no processo de conquista da Grécia pelos romanos, muitas foram as influências helênicas adaptadas ao dia a dia romano, e dentre essas influências, as atividades recreativas se destacaram. Em uma delas, a bola ganha destaque, e do jogo grego *epyskyros*, surge o *harpastum*, em que o uso dos pés era raro, sendo a bola passada pelos jogadores com as mãos. Silva (1983) destaca que outros jogos também ganharam atenção dos romanos, entre eles o *ludere datatum*; o *ludere expulsium*, o *ludere raptim*, o *lusus pilae* e o *ludere pilastris*. Tendo a educação romana um caráter militar, não há notícias de que as mulheres praticassem qualquer um desses jogos.

Na Idade Média, com o descaso pelas coisas materiais, houve um divórcio entre as atividades físicas e as intelectuais. A manifestação esportiva mais marcante da Idade Média, um

período obscuro para as atividades físicas, foram os torneios com as chamadas justas, a maior oportunidade de demonstração de coragem masculina, no mais alto sentido esportivo. Depreende-se aqui que a característica era imputada ao sexo masculino, somente.

Na “Alta Idade Média”, além da especial atenção dada à cavalaria, encontramos registros de outras atividades praticadas com bola, como o jogo de pelota, e jogos com raquete. Neste período, as damas da corte e os cavaleiros apreciavam esse tipo de jogo, consistindo as regras em passar e apanhar a bola, que era adornada com fitas e campainhas, como foi descrito por Vogelweide (1170-1230), de acordo com os dados da Revista Balonmano (Comitê Olímpico Internacional-C.O.I., 1986). Os jogos de pelota eram não só um divertimento para a corte, assim como para todas as classes sociais. É relatado também que havia certo jogo de pelota entre duas equipes, cujo objetivo era levar a bola o mais longe possível do adversário.

Gutierrez (1980) assinala a *soule*, como um dos jogos praticados com bola, em que inclusive os padres, após o ofício dominical, se misturavam com o povo para jogar. Havia também um jogo de pegar bola, que consistia em passes e metas, praticado pelos cavaleiros e do qual participavam também rapazes e moças como forma de lazer. O autor destaca o jogo da “paume” ou da “palma”, como o antepassado do tênis e que era praticado pela nobreza.

Pelos relatos históricos encontrados, fica claro que as mulheres tomavam parte nesses jogos com o propósito de lazer, ao passo que os homens, além do lazer, como parte do preparo físico dos cavaleiros, eis que cultivavam “o ideal de defender a Igreja, a Pátria, as mulheres, os fracos e os oprimidos” (Gutierrez, 1980).

Os ingleses, assim como os franceses - com influências recíprocas - têm manifestações esportivas desde a Idade Média. O tênis, o chamado *Fives*, na Inglaterra, tinha essa denominação porque era jogado com os cinco dedos da mão. O *cricket*, o hóquei, o golfe, o *rugby*, o futebol, o

badminton (trazido da Índia) são esportes que foram regulamentados na Inglaterra já na atualidade, e que influenciaram outros países, como o futebol no Brasil.

No Renascimento, historicamente marcado pela tomada de Constantinopla em 1453, destaca-se uma obra literária da maior importância para a Educação Física e para os esportes: o clássico *Gargantua e Pantagruel*, de François Rabelais (1494-1553), um precursor dos exercícios naturalistas. Nesta obra, Rabelais descreve um jogo, que pode ter sido uma espécie de handebol - *esprés jouaiant à baile, à la paume*. Não se tem notícias de que as mulheres participassem desse jogo.

Do outro lado do continente, entre os astecas - cujo campo de jogo de bola era um símbolo do céu - cultuava-se o deus Xochipili, a quem devotavam um jogo, talvez um primitivo antecessor do handebol (Diem, 1966).

Em cada época, desde as mais remotas, o jogo serviu como formador espiritual, funcionando para a vida como um modo de auxiliar a formação do homem no seu dia-a-dia. Segundo Diem (1966, p. 7), "o jogo, para o homem, é um meio de completar-se a si mesmo, de decidir, de aperfeiçoar-se corporal, espiritual e humanamente". Huizinga (1971, p. 6) em: *Homo Ludens*, desenvolve a iniciativa do jogar como fenômeno cultural, "como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase da civilização que agora nos encontramos".

As mãos, instrumento de vida de todos os humanos, sempre foram, prioritariamente e, depois também como os pés, as partes do corpo mais envolvidas com o jogo. Basicamente, podemos afirmar que, partindo da habilidade natural da utilização das mãos ou até mesmo do aperfeiçoamento desta habilidade, desenvolveram-se todas as atividades humanas, desde as mais simples às mais complexas, incluindo-se os jogos de pelota confeccionadas pela mão do homem.

A história do handebol, desde os mais remotos tempos, pode ser avaliada pela citação encontrada na Revista Balonmano do C. O. I, (1986, p.6), atribuída a Carl Diem: “O handebol pode ser chamado, de uma ou outra forma, em repetidas ocasiões, em todas as culturas do mundo desde a Antigüidade, de um jogo estruturado de equipes através de estritas regras e que por algum tempo desapareceu e foi descoberto, para mais tarde ser posto em prática de novo”.

As palavras de Diem (1966) parecem encontrar eco na realidade, quando na prática de jogos de recinto aberto ou fechado (quando os gregos, por necessidade, construíram as palestras), de equipes de pequeno ou grande número de jogadores e sempre com regras definidas. Contrariamente a modalidades esportivas como o futebol, o voleibol e o basquetebol, que tiveram suas origens e seu desenvolvimento bem definidos cronologicamente, o handebol é um esporte que apresenta inúmeras contradições quanto à sua origem e evolução.

Uma breve incursão nos escritos sobre a origem e a evolução do handebol

O pioneirismo da estruturação dos jogos esportivos na era contemporânea foi de Thomaz Arnold (1795-1848) na Inglaterra, que não dispunha de uma Educação Física sistematizada como na Alemanha com Basedow, na Suécia com Ling e com Amorós na França, que davam com ênfase aos exercícios ginásticos. Como destaca Oliveira (1985), a escola inglesa trouxe os jogos e os esportes para o terreno da educação, não dando somente importância aos exercícios analíticos e sobremaneira superficiais.

Entretanto, para Diem (1966), esta estruturação se deu no sentido de que foi onde se uniram as regras e a ordem à necessidade humana de exercícios físicos, tendo como base a influência celto-germânica da inclinação para o jogo. Oliveira (1985) comunga com este ponto

de vista assinalando que os jogos não foram introduzidos somente para acrescentar aos exercícios ginásticos um atrativo, mas, sim, a sua utilização como método pedagógico.

Os alemães tiveram o esporte introduzido em seu país com procedência da Inglaterra por volta de 1874, enquanto que na Suécia, o movimento esportivo começou em 1880. É a partir daí, da idade contemporânea que se inicia, já de modo esportivo, ou seja, regulamentado, o desenvolvimento do jogo de handebol, e suas controvérsias (SILVA, 1995).

A consulta a várias fontes de dados dão crédito ao dinamarquês Holger Nielsen a criação do *haanbold-spiel* – o handebol danes ou handebol dinamarquês na Escola Real Ortrup em 1848 determinando alguns sistemas e regras. Ferreira (s/d) acrescenta que Nielsen, proibido de desenvolver o futebol no Instituto, face os danos físicos à escola e ao perigo de acidentes para os alunos, criou um jogo com as mãos, que foi "o ponto de partida para o moderno handebol de salão" (p.15). O autor discorda do ano de sua introdução, que seria o de 1898. Não se têm informações a respeito do desenvolvimento do jogo e das regras que foram publicadas em 1904 ou 1906, o que coincidiria com a fundação da Liga Dinamarquesa de Handebol. A influência Dinamarca-Suécia, tão demonstrada com a ginástica de Nachteggall e Ling, também se fez presente em toda a Escandinávia, no que se refere aos esportes. O Museu do esporte (2007) destaca que no início, o handebol era jogado apenas por mulheres. No entanto, com o aumento do tamanho do espaço a ser disputado, os homens passaram a praticá-lo.

Inspirado nos dinamarqueses, o handebol sueco foi introduzido na cidade de Karlskrona (Revista Balonmano- C. O. I., 1986), e já continha algumas regras tais como a de não poder andar com a bola, a área de gol de seis metros, e a permissividade de permanecer com a bola na mão por mais de cinco segundos, hoje reduzida para três segundos (FERREIRA, s/d). Assim foi desenvolvido até que, em 1932, foi disputado o primeiro campeonato sueco de handebol de sete jogadores.

No plano internacional, são encontradas citações de que, no ano de 1935, realizou-se o primeiro jogo entre as seleções da Dinamarca e da Suécia em Copenhague, com a vitória da Suécia. O handebol foi assim difundido em todo o mundo escandinavo, naquela época, separado em todos os níveis, não só geograficamente, mas também culturalmente, do resto da Europa, o que dificultou a chegada do handebol lá praticado com sete jogadores, para a Europa Central. É fácil também verificar que, pelo fato de os alemães reivindicarem a paternidade do esporte, embora handebol de onze jogadores, o reconhecimento de um esporte semelhante, em um terreno reduzido, com um número menor de jogadores, com regras diferentes, não poderia e nem deveria ser um fator de importância histórica.

Com o poderio escandinavo, foi criado o primeiro organismo, a International Amateur Handball Federation - IAHF, em 1928, com onze países em que já se notava a influência escandinava. Em 1946 foi criada a *International Handball Federation* - I.H.F, que dissolveu a IAHF, sendo até hoje o órgão máximo do handebol mundial.

Segundo a Revista Olímpica (1986, p.7), este poderio era "dos países do norte da Europa que cultivavam, principalmente, o Handebol de Salão". Não podemos esquecer e, até atribuir este fato, não só à maciça prática do handebol de salão, até hoje, nos países da Escandinávia, mas, também, ao enfraquecimento da Alemanha dividida após a Segunda Guerra Mundial, o que a debilitou politicamente no que diz respeito à criação da I.H.F.

Especificamente em relação ao surgimento do Handebol de campo, os dados da Revista Balonmano do COI (1986) apontam que nos anos da primeira guerra (1915-1917), Max Heiser, preparador de ginástica em Berlim, organizou partidas de handebol ao ar livre para as funcionárias da fábrica Siemens. A mesma fonte credita a Karl Schllenz, professor de esportes na Escola Alemã de Educação Física, a sua criação e seu desenvolvimento na Alemanha, Áustria e Suíça, onde foi treinador.

Segundo Ferreira (s/d), Schllenz, considerado como o "Pai do Handebol", seria comandante de uma esquadra alemã que ao visitar o rio da Prata no Uruguai em 1917, conheceu o jogo denominado *balón*, desenvolvido pelo Professor de Educação Física e Naturismo, Antonio Valetta. Este jogo era praticado num campo de futebol, com doze jogadores e mais o goleiro, com regras estabelecidas em que as regras estabeleciam que os três defensores não podiam passar do meio-de-campo e que os arremessos eram somente de fora da pequena área inicialmente e, depois, de fora da grande área. As faltas leves eram punidas com tiros diretos ao gol da distância de dezoito metros e as faltas mais duras de onze metros do gol.

O jogo *balón uruguaio* era muito popular também na Argentina, no Chile e, mais tarde, também o foi no Brasil, sendo utilizado nas Forças Armadas como "bola militar" com algumas modificações. Sua chegada, em nosso país, foi registrado em 1945, no número 1 da revista Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da antiga Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. O então diretor da Escola, Capitão Antonio Pereira Lira, descreve, em seu relatório de viagem de estudos endereçado ao Magnífico Reitor, o jogo *balón*, assim como outros jogos que conheceu na Argentina e no Uruguai, recomendando que fosse incrementado este, assim como o *rugby inglês*, em nosso país, usando como argumento o atraso em que nos encontrávamos perante os nossos vizinhos. Estima-se que o pedido tenha ganhado guarida e que com estes dois esportes incrementados tenham servido de antecedentes ao handebol de campo. Paralelamente o handebol já era bem desenvolvido na Alemanha e outros países da Europa.

Fato é que Heiser ou Schllenz, um ou outro, ou os dois em conjunto, criaram, a partir de jogos ao ar livre, de jogos de outros países, como o *hazena* ou o *balón uruguaio*, um jogo à semelhança do futebol, jogado em campo, com algumas regras definidas e com as mãos. Em 1920, equipes da Associação de Ginástica Guts Muths realizaram o primeiro jogo de handebol de

campo, utilizado como complemento das aulas de ginástica. No mesmo ano, o então diretor da Escola Alemã de Educação Física, Carl Diem, consumava a implantação do handebol masculino como esporte oficial.

O Handebol não teve imediatamente uma organização internacional com identidade própria para cuidar de seus interesses. Foi amparado pelas Associações de Atletismo e Ginástica de cada país, a quem atribuem alguns autores a regulamentação do jogo, ficando Heiser e Schlenz como concebedores. Foi a International Amateur Association Field - I.A.A.F., a Federação de Atletismo que defendeu os interesses do handebol até 1928. Com sua grande expansão, em 1926, formou-se uma comissão especial para organizar os países que o praticavam e unificar as regras. No Congresso de 1928, foi então apresentado um regulamento para partidas internacionais, sendo fundada a Federação Internacional de Handebol Amador - F.I.H.A., que conseguiu, em 1931, a inclusão do handebol como esporte oficial no programa olímpico de 1936.

Neste mesmo ano, na primeira competição olímpica, onde a política teve um papel de destaque, o handebol de campo, criado na Alemanha e desenvolvido nos países vizinhos, foi incluído pela primeira e última vez na competição olímpica, como uma garantia de mais uma medalha para a Alemanha Hitlerista que, com a realização daquela competição, tentava afirmar-se politicamente perante o mundo.

Seis equipes participaram do torneio olímpico, com a vitória da Alemanha, ficando Áustria, Suíça, Hungria, Romênia e Estados Unidos nas posições seguintes. O handebol, já na versão de salão, só voltaria ao convívio olímpico, em 1972, na cidade de Munique, com a vitória da equipe da Iugoslávia. Quatro anos depois, em 1976, em Montreal, foi feita a inclusão do handebol feminino, com a vitória da União Soviética, que também foi a vencedora no naipe masculino.

O handebol no Brasil

Consta que o handebol de campo foi trazido para o Brasil pelos alemães por Emil Schmehlin, em 1928 (Kunsagi, 1978), em São Paulo. Assim como na Alemanha, no início, o jogo era utilizado como complemento das atividades de Ginástica, Atletismo e Remo. Como um esporte originário da Alemanha, o handebol de campo passou a ser desenvolvido pelas colônias alemãs em jogos recreativos nos finais de semana. As equipes foram aumentando surgindo, em 1931, a Associação Alemã de Handebol.

Silva (1995) descreve que o dia 26 de fevereiro de 1940 pode ser definido como um marco dentro do contexto do handebol brasileiro, com a fundação da Federação Paulista de Handebol - FPH., a primeira entidade organizadora do handebol brasileira, que encampou a Associação Alemã de Handebol, motivada pela reação dos brasileiros aos alemães em função da guerra mundial. Para o autor, a partir da criação da entidade, começa um intercâmbio entre brasileiros, argentinos e uruguaios, com a disputa de várias competições internacionais como a Copa Peron, a Taça Challenge e outras. Além dos torneios com várias equipes, amistosos internacionais foram freqüentes entre as equipes sul-americanas e, muito raramente, como nos dias de hoje, partidas contra equipes européias.

O handebol de campo teve dificuldades para ser implantado no meio escolar em São Paulo pela necessidade de utilização de um campo de futebol para a sua prática, o que era muito difícil, devido aos espaços restritos à prática da Educação Física nas escolas. E como esporte originário dos clubes, foi no seu interior que se desenvolveu, atraindo cada vez mais Associações.

Apesar de ter sido levado para participar das preliminares dos jogos de futebol no Pacaembu, o handebol de campo teve o seu declínio em São Paulo, a partir do momento em que, acompanhava a evolução ocorrida na Europa, o handebol de salão começou a ganhar mais

adeptos em todo o mundo, não somente pela dificuldade de se conseguir locais para a sua prática, devido à evolução do futebol, mas também pelo fato de o handebol de campo não empolgar o público pelo pouco dinamismo do jogo. Ao contrário, o handebol de salão imprimia mais empolgação, por ser disputado em um espaço menor, pelas suas regras etc. Os últimos campeonatos de handebol de campo foram disputados em São Paulo no ano de 1967 com a vitória da equipe adulta masculina, do E.C. Pinheiros, num momento em que havia um pequeno número de equipes, tendência essa já era demonstrada no mundo, quando simultaneamente se realizaram as últimas disputas mundiais.

Mesmo não tendo influência no desenvolvimento do handebol de salão, como ocorreu em São Paulo, o handebol de campo merece registro no Rio de Janeiro, pelo esforço empreendido por esses alemães. Somente três sociedades estabeleceram-se no Rio de Janeiro: a Sociedade Germânia, a Sociedade Lyra, as duas voltadas somente para as atividades sociais, e o *Turnverein* Rio de Janeiro, como o próprio nome diz, mais ligada às atividades ginásticas e esportivas como o Handebol, Futebol e outras.

Fundado em 1909, o *Turnverein*, conhecido como “Clube 1909”, hoje tem o nome oficial de Clube Ginástico e Desportivo do Rio de Janeiro. O Clube deu início às suas atividades competitivas no ano seguinte, quando disputou a primeira competição de ginástica com o *Turnerschaft* 1890 de São Paulo e o Clube Ginástico Português do Rio de Janeiro. As atividades de Handebol do “1909” só começariam em 1924, quando o Hospital Itapagipe (hoje Hospital Marcílio Dias) cedeu suas instalações gratuitamente pelo no bairro do Lins de Vasconcelos. No local existiam espaços para a prática não só do handebol, como do futebol e do *faustebol* (punhobol). Estas atividades eram, por falta de adversários, meramente recreativas entre os sócios, e somente por ocasião da chegada de um navio alemão, quer de turismo quer da Marinha, faziam-se amistosos internacionais. De modo análogo, a situação se repetia em São Paulo.

Houve uma tentativa de popularizar o handebol em 1936 quando no governo Vargas, o Clube 1909 fez uma demonstração do jogo no campo do C.R. Vasco da Gama - local de manifestações políticas e esportivas daquela época - a qual a imprensa não deu o devido destaque, talvez já pela influência política negativa dos alemães na Europa, ou pelo espaço que era destinado, já naquele tempo, ao futebol e a outros esportes como o vôlei e o basquete.

Para não dizer que a imprensa não citara o handebol de campo, registra-se o pequeno destaque dado, por ocasião do Campeonato Mundial de Futebol, realizado no Brasil no ano de 1950. No dia 16 de junho, data da inauguração do Estádio do Maracanã, o Jornal dos Sports destacou a seleção iugoslava em seu treinamento, após a chegada ao Rio de Janeiro.

Existe ainda uma referência a respeito do Handebol de Campo no Rio de Janeiro. Segundo Kunsagi (1978) e Ferreira (s/d), em 1949, por ocasião dos festejos da inauguração do Estádio do Maracanã, duas equipes paulistas foram formadas para participar de um jogo de handebol de campo, denominado pela imprensa da época como "futebol com as mãos". As informações colhidas no Estádio, com funcionários que participaram das festividades e, no próprio Departamento Cultural do Estádio, confirmam não ter havido o referido jogo assinalado pelos autores.

Outro vestígio do handebol de campo no Rio de Janeiro foi pesquisado a atual Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro – EEFD. Tendo sido criada em 1939, a antiga Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, destacava em seu currículo esportes variados tais como o futebol, basquetebol, voleibol, haltereofilismo e as disciplinas de ginástica geral e feminina. Nunca, porém, constou a de handebol de campo, embora em algumas aulas do Professor Alfredo Colombo tenham sido dadas noções do esporte, mas sempre como complemento destas aulas e somente de forma recreativa.

As qualidades necessárias e desejáveis ao handebol

Dentre as qualidades necessárias aos atletas de handebol – quer do sexo masculino, quer do feminino – podemos destacar as qualidades físicas, técnicas, táticas e psicológicas. Modernamente, estas terminologias são englobadas nos denominados Meios Táticos Individuais ou Coletivos. Estas qualidades necessárias, essenciais e refinadas, diferenciam os atletas, habilitando-os a integrarem seleções nacionais pela excelência de suas competências, variando de acordo com as categorias por faixas de idade.

O ápice dessas qualidades é meta desejável pelos integrantes das equipes multidisciplinares, compostas por vários profissionais da área esportiva, entre eles treinadores, preparadores físicos, médicos esportistas, fisioterapeutas, psicólogos e etc. Estes profissionais são responsáveis pelo treinamento de atletas, a fim de que os mesmos possam atingir os objetivos, tanto as conquistas de títulos, quanto uma excelente participação nas competições regionais, nacionais e internacionais. Sinalizamos que estamos falando deste formato de multidisciplinaridade, que, provavelmente ocorre em poucas equipes brasileiras, mas já algum tempo está presente nas seleções nacionais, principalmente na categoria adulto.

Hoje, com o trabalho desenvolvido de forma integrada entre esses profissionais, temos uma projeção bastante otimista, um cenário de boas perspectivas em nível internacional, posto que os últimos resultados mostram uma supremacia brasileira nas Américas, em se tratando das seleções adultas masculinas e femininas. Esses resultados servem como uma grande motivação para encarar os próximos desafios que se avizinham. Essa supremacia brasileira é, certamente, o resultado do entrosamento da equipe de especialistas com os atletas, e nesse entrosamento, procuram eles extrair dos atletas, o máximo das qualidades físicas, técnicas, táticas, além de prepará-los psicologicamente.

Assim considerando, o objetivo deste trabalho é, a partir de uma retrospectiva histórica que situa a evolução do handebol, apresentar dados para uma reflexão acerca de outras qualidades também necessárias à prática do handebol como a agressividade e a coragem.

Entendemos que estas duas qualidades, provavelmente implícitas mas de ordem técnica, tática e psicológica, são mais frequentemente estudadas e com profundidade por vários especialistas da área das ciências da saúde. No entanto, são pouco estudadas na área das ciências sociais e humanas, em especial, quando se trata de abordar o tema **Agressividade** – de um certo inatismo (1) no ser humano e **Coragem** – virtude ou sua falta, como defeito.

Essas qualidades “adicionais” merecem um aprofundamento de seu estudo por serem, também, importantes e necessárias, não só na formação do atleta, bem como nas equipes que disputam jogos no nível de alto rendimento. Uma reflexão acerca de como a agressividade e a coragem podem influir o rendimento de uma equipe, perpassa não só a observação individual dos atletas, mas possibilita a contribuição que determinados especialistas da equipe multidisciplinar, podem oferecer aos atletas no intuito de atingirem os seus objetivos

Partimos do pressuposto de que a agressividade e a coragem podem ser fundidas na expectativa de melhor desempenho esportivo e melhor rendimento, sem necessariamente, evocar a violência, que deve ser banida do meio.

A trilha metodológica

Este estudo é de natureza teórica e alicerçado na revisão da literatura, A escolha do tema da presente pesquisa e de conformidade com Moura, Ferreira e Paine (1998) parte da premissa de que o autor possui familiaridade com o que já foi pesquisado anteriormente. Nesse sentido, nossa atuação no magistério superior dentro do esporte em tela, reserva-nos essa familiaridade. Após a

delimitação da unidade da leitura, no caso “agressividade e “coragem”, passamos ao que Gil (1996) bem assinala: localização das fontes e a leitura do material. Neste aspecto, em concordância com o autor, buscamos inicialmente a) identificar as informações e os dados constantes do material; estabelecimento das relações entre as informações coletadas e os propósitos do estudo; c) análise da consistência das informações e dos dados apresentados pelos autores. Nesta etapa, estivemos atentos ao que Severino (2001) aconselha: a) análise textual; b) análise temática; e c) análise interpretativa, para assim problematizar a questão e proceder a síntese pessoal. Ancorados em Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998), asseveramos que a metodologia adotada está a serviço dos propósitos da pesquisa – refletir acerca de qualidades pouco exploradas no handebol – agressividade e coragem na ótica das Ciências Sociais.

Sabemos das limitações que este estudo pode trazer, dentre elas, em consonância com Gil (1994), o fato de as fontes de consulta serem oriundas de fontes secundárias, o que pode comprometer a qualidade do estudo. Para minimizar este problema, orienta o autor que se analise com profundidade cada informação a fim de detectar possíveis incoerências ou contradições. Para controle desta variável fizemos usos de fontes diversas e assim foi possível o cotejo das informações.

Agressividade

Nossa própria evolução, segundo os cientistas naturais, nos mostra traços de agressividade inata em nossa espécie humana. Evoluindo dos gorilas e dos chimpanzés, o “homem moderno”, descendente, pela ordem, dos “homo sapiens” cerca de 40.000 anos atrás, *homo erectus* e *homo Habilis* (Leakey & Lewin, 1996) - usando somente estes antepassados para abreviar esta seqüência evolutiva – trouxe em seu arcabouço cultural aspectos inerentes aos

daqueles primatas, como por exemplo, as lutas para as disputas de suas fêmeas e/ou por seus territórios. Capacidades físicas e intelectuais do *homo erectus*, em uma estrutura de cultura e sua interação complexa, operaram e muito para o estado seguinte, o do *homo sapiens*, além de qualidades humanas básicas, como o oportunismo e, principalmente a adaptabilidade. Estas devem ter sido essenciais aos nossos antepassados e confirmado, na contemporaneidade por Charles Darwin, relacionando à sobrevivência das espécies à sua adaptação.

Podemos pensar, também, nos silvícolas antropofágicos que lutavam e comiam seus inimigos pelas mais variadas razões - ritualísticas ou não - para explicar esta natureza humana de agressividade. Mais tarde, esta tendência agressiva se manifestou por ocasião das guerras que transformavam e, ainda transformam, homens da mesma espécie em inimigos mortais e, também pelas mais variadas razões. Ardey (citado por Leakey & Lewin, 1996, p.234) destaca que a evolução humana foi impulsionada por uma máquina de guerra, onde até fatores econômicos foram utilizados para justificar as lutas .

Hokino e Casal (2001) fazem diferenciações entre raiva, agressividade, agressão e violência. Esclarecem que a raiva está relacionada com o estado emocional do ser humano e que abrange sentimentos que variam de aborrecimentos pequenos, podendo esse sentimento se expandir à fúria e à cólera. Por outro lado, entendem que a agressividade, a agressão e a violência dirigem-se a outras pessoas, e a objetos do meio, podendo ser também direcionada à própria pessoa. Na seqüência de suas idéias pontuam que o sentimento de raiva, sozinho não reúne condições suficientes para o desenvolvimento de comportamentos agressivos, embora os expressem. Esses comportamentos dependem, sobretudo, de outros aspectos, como o da personalidade, determinada por diversos fatores, entre eles as influências do meio social e cultural em que vive o sujeito

No campo educacional dependerá das influências educacionais e esportivas que esse sujeito virá receber, tocando aos profissionais da Educação Física uma parcela expressiva de responsabilidade, especialmente no trabalho com crianças, adolescentes e jovens, cujas personalidades encontram-se em constante formação.

Na esteira de Alport, a agressão é aprendida mediante uma aprendizagem social. Nesse sentido, o comportamento agressivo é gera conflitos sociais e principalmente no meio esportivo propiciando, inclusive uma ambivalência quando comparada à agressividade. Esta, no meio esportivo, por sua vez é condenada e repudiada quando se manifesta como alteração de conduta. No entanto é até admirada principalmente quando se apresenta como iniciativa criadora, pois no esporte a agressividade seria uma forma criadora positiva e aceitável segundo as regras pré-estabelecidas a um determinado esporte.

No âmbito esportivo, podemos levar em conta as palavras de Samulski (1992), ao afirmar que a expressão da conduta agressiva vai depender das frustrações anteriormente vivenciadas pelo sujeito, da sua percepção de justiça, da intensidade da frustração atual que está condicionada a expectativa diante à meta ou competição.

Em se tratando de agressões no esporte, Santos (2005) complementa a idéia destacando que as agressões consomem energia física e psíquica do indivíduo e as reações às frustrações podem variar de pessoa para pessoa, bem como o tipo de agressão que pode ser física, gestual, verbal ou comportamental, citando como exemplo o fato de um jogador ficar nu após ser expulso do jogo.

Na disputa de um jogo de handebol podemos verificar uma “guerra” disfarçada em competição onde o “fair-play”(2) deve imperar, sem a necessidade de matar e comer o seu adversário. Segundo Boixadós (1995), existem categorias de valores positivos que são consideradas como boas para prever se os atletas poderão ter este fair-play: a) ser capaz de usar

corretamente as habilidades requeridas em situações de jogo, tecnicamente e taticamente; b) jogando com respeito às regras, ao espírito do jogo e as decisões dos árbitros; c) buscando um equilíbrio e apreciar o jogo independentemente do resultado, experimentando um sentimento de satisfação. Como categorias negativas o autor destaca o agir agressivamente ou violentamente com risco de lesões e ganhar vantagens ou superioridade no jogo usando para tal, meios ilegítimos. Por outro lado, com bem assinalam Dunning e Maguire (1997) entendem o esporte como a expressão cultural de valores masculinos. A sociedade, de maneira geral, atribui a agressividade e a coragem como características masculinas, como bem demonstrou Romero (1990), ao fazer um estudo entre mais de quatrocentos professores de Educação Física.

Estas características guerreiras que podem e devem estar incrementadas de fair-play estão ligadas às qualidades básicas necessárias e naturais para aqueles que praticam este dinâmico esporte, o handebol, além daquelas que denominamos adicionais – agressividade e coragem. Fazemos um contraponto aqui, em relação às mulheres praticantes. Como bem vimos na evolução dos esportes com bola, e até mesmo na primeira participação olímpica, as mulheres não participavam de atividades esportivas e quando o fizeram, foram em esportes “próprios ao sexo feminino”. Desse modo, não era de se esperar que fossem agressivas e corajosas, mesmo no esporte. Quanto aos homens, Dunning e Maguire (1997) asseveram que combate e esporte têm as mesmas raízes psicológicas e sócio-culturais, e assim no esporte de contato físico, o combate é autorizado. Historicamente as mulheres não combatiam, apesar de que delas se esperavam, em determinados momentos históricos, que gerassem filhos fortes

No handebol, certamente a própria essência do jogo possa explicar as “necessidades” de agressividade e de coragem, já que se trata de um jogo de constantes defesas do seu território – representado por seu espaço defensivo - e agressões, penetrações do território inimigo, do seu espaço defensivo, num constante ataque contra defesa, para passar, quase que imediatamente,

para defesa contra ataque. Agressividade e Coragem são qualidades adicionais, que vão alicerçar esta disputa territorial. Para as equipes de alto nível, não importando se masculinas ou femininas, é desejável que estas qualidades adicionais sejam trabalhadas.

O trabalho de Pelissari, Rota e Krebs (s/d), sobre “Comportamentos físicos agressivos hostis no handebol”, ressalta algumas situações que podem ser traduzidas como corriqueiras no jogo como: empurrar com mão, esmurrar, segurar o corpo, empurrar com o antebraço e chutar com o joelho, caracterizando assim, uma agressividade passível de punição pelas regras. A consequência dessa punição é prejudicial à equipe por ter jogadores excluídos temporariamente ou até desqualificados, deixando-a em inferioridade numérica.

A agressividade “hostil”(3) vista por este ângulo – referem Pelissari, Rota e Krebs (op. cit.) foi constatada no estudo dos autores que não observaram, felizmente, o ato de esmurrar. Não é, no nosso modo de pensar, a agressividade hostil necessária à do esporte de alto rendimento, até porquê, além de os autores terem constatado que esses comportamentos hostis, eram observados somente em determinadas fases do jogo, trata-se de comportamentos que não podem ser considerados como normais em uma disputa. Trata-se de uma estratégia adotada por muitas equipes que começam o jogo de uma forma muito dura, muito agressiva, com o objetivo de “assustar” a equipe adversária, o que não se configura ser eficiente, principalmente, no alto rendimento.

Pela nossa observação, em partidas de equipes de alto rendimento, esse tipo de agressividade se faz mais presente entre o grupo masculino. O feminino elabora outras estratégias, como por exemplo, a observada pela equipe do futebol feminino, campeã no Pan 2007 e vice na Copa do Mundo, que adotou a tática de assustar cantando alto, ao sair do vestiário durante todo percurso até entrar em campo. Elegeram letra e música que as auto-incentivassem e ao

mesmo tempo impressionasse as adversárias, não habituadas com esse tipo de manifestação antes da partida.

A agressividade que julgamos ser necessária deve fazer parte de todos os momentos da partida como foco de atenção na defesa ou invasão dos espaços ofensivos, sem partir para comportamentos que associem agressividade com a violência, e acrescentando ainda esta agressividade não violento, a coragem para realizar a jogada. Podemos ilustrar essas duas características associadas ao fato de se fazerem presentes nas equipes brasileiras de alto rendimento, tanto do masculino quanto do feminino.

Brademeier citado por Bidutte et al (2005) opina que o comportamento agressivo no esporte é o início do comportamento violento, que se torna prejudicial à equipe, significando a ação violenta qualquer ofensa física, verbal ou não verbal, enquanto comportamento para causar dano, qualquer ação intencional ou prejudicial.

O autor aponta, também, que a agressividade relaciona-se com a hostilidade e esta com a violência, tal como foi evidenciado na pesquisa de Pelissari, Rota e Krebs (op. cit.), embora os dados tenham se caracterizado um outro tipo de agressividade. Hokino & Casal (2001, p. 3) asseveram que “na vida, como nos esportes, muitas vezes o progresso e a realização dependem de uma agressividade adequada”. Dessa forma, para os autores: “a agressividade não é necessariamente um atributo indesejável da personalidade, basta que ela seja usada de maneira construtiva e positiva, de acordo com as regras desportivas e culturais, inerentes ao desporto praticado” (idem, ibidem).

Nas nossas reflexões queremos assinalar a denominada agressividade “instrumental” - definida por Gabler (1987) citado por Samulski (1992) - como necessária ao esporte e que no jogo de handebol seria o comportamento agressivo que vai impedir a consecução do objetivo pelo adversário – com algum risco de dano físico a ele, porém sem intenção, sem hostilidade – e fazer

com que este atleta “agressivo” atinja os seus objetivos defensivos ou ofensivos. Outro dado, importante levantado pela pesquisa de Pelissari, Rota e Krebs (2004), mostra a relação destes comportamentos agressivos – hostis ou instrumentais – com o controle das emoções levando na multidisciplinaridade das comissões técnicas ao relevante papel que exerce o psicólogo no grupo.

Concordamos com os autores citados quando sublinham que a agressividade instrumental possa ser necessária e benéfica ao jogo, dependendo das situações, que no handebol, passam por uma dinâmica muito peculiar, transformando, na maioria das vezes, em questão até de segundos, os atacantes em defensores ou na situação contrária: defensores em atacantes. As regras do jogo que, em alguns casos, permite um intenso corpo-a-corpo, também, podem ser consideradas influenciadoras desta agressividade. Outros fatores também podem ser considerados nesta instrumentalização da agressividade que pode, em alguns momentos, transformar-se em hostilidade.

A Teoria Cognitiva Social de Albert Bandura (1977) citado por Bidutte et al, (2005) aponta que o comportamento humano decorre de sua interação entre o ser humano (atleta) e o meio-ambiente, ou seja, tomando-se por base uma perspectiva interacionista em que um comportamento depende do outro e em que as variáveis pessoais e sociais se destacam. Tomemos como exemplo, a velha e costumeira rixa entre brasileiros e argentinos em qualquer modalidade. No handebol, para ilustrar, têm tido capítulos mais constantes nas várias competições continentais e internacionais, com atletas jogando num ginásio lotado, influenciando e aflorando alguns comportamentos não desejáveis, exacerbando, desse modo, todos os aspectos da rivalidade existente.

Provavelmente – e quase sempre ocorrem – comportamentos agressivos, que em princípio denotam ser instrumentais, acabam descambando para uma hostilidade. Bidutte et al. (2005) afirmam ser a agressividade no esporte reflexo de fatores sociológicos, de personalidade e

de formação do atleta, fatores associados ao treinamento, em que o próprio comportamento do treinador pode gerar influências positivas ou negativas, manifestação da torcida e a própria influência da mídia fomentando, no caso de brasileiros e portenhos, esta competição datada começa nos primórdios das disputas futebolísticas.

Imaginemos as situações do jogo onde o atacante procura – em função de um espaço conquistado – uma penetração entre dois jogadores de defesa. Como poderíamos classificar a(s) agressividade(s) que atacantes e defensores devem ter, uns para conseguir o gol enquanto os adversários tentavam impedir? Inicialmente poderíamos classificar a agressividade do atacante como instrumental e a do defensor hostil. Cremos que, também é necessária uma agressividade para encarar esta situação deslocando o adjetivo agressivo de sua relação com violência, lesão etc., para uma agressividade corajosa, ou seja, a coragem, também, como uma qualidade necessária, a ser adicionada a esta necessária agressividade.

Coragem

La Taille (2000) ao defender a importância de estudos psicológicos das virtudes morais, enquadra a coragem como uma dessas virtudes, ao lado da generosidade, humildade, entre outras. Para São Tomás de Aquino citado por Lima (2006, p.1), “as virtudes que são do homem [...] o homem pode adquirir pelos próprios atos [...] e esta disposição assim firmada é um hábito de virtude moral”. As virtudes ou excelências – *aretê* – podem ser reunidas em dois grandes grupos a saber: virtudes de caráter, que são conhecidas como virtudes morais, e as virtudes da mente, as chamadas virtudes intelectuais. Interpretando as palavras de Aristóteles, Scalabrin (2002) esclarece que a virtude, para o filósofo, é uma disposição habitual relacionada a opções.

Depreende a autora, com apoio em Hugues que essas disposições referem-se às propriedades dos seres vivos que dão origem a padrões de comportamento relativamente fixo.

Lima (op. cit.) assevera que as virtudes morais são disposições estáveis para bem agir, adquiridas à luz da razão, tendo a virtude por sujeito imediato. No seu entendimento as virtudes não são inatas, a hereditariedade não pode dar á virtude por si mesmo; são adquiridas, portanto a virtude é essencialmente pessoal.

Tognetta (2007) escreve que uma virtude é uma força que age ou que pode agir assegurada por um caráter espontâneo e assim sendo, está ligada às disposições do próprio sujeito que age. Consiste com a conformidade com a razão, como causa e princípio da aprovação ou da desaprovação. No handebol, entendemos que a coragem como virtude, merece toda aprovação, sobretudo a coragem para tomadas de decisão..

La Taille; Lima; Scalabrin e Tognetta, ora abordados, partilham do mesmo ponto de vista ao exaltarem as virtudes como necessárias, e que se caracterizam como humanas. La Taille, respaldado pela antropologia cultural destaca que as virtudes podem ser características humanas, e ilustrando seu pensamento pontua que o que era visto como coragem pelo cavaleiro feudal, que se arriscava em duelos, pode ser visto como temeridade e falta de humildade para um pai de família contemporâneo. No seu entendimento, a palavra virtude refere-se a qualidade das pessoas, e sob o ponto de vista da psicologia, trata-se de um juízo de valor feito sobre um indivíduo. Desse modo, as virtudes não só remetem a uma leitura valorativa do ser humano como referem-se a qualidades desejadas. Lima declara-se convencido de que as virtudes são necessárias considerando os diversos e incessantes deveres que são incumbidos aos homens e mulheres.

Para julgar moralmente uma pessoa, Scalabrin adverte que é necessário examinar quais as virtudes e vícios que ela tem. Tognetta, por sua vez, defende seu ponto de vista explicando que a virtude constitui primeiramente o equilíbrio entre o bem a si e ao outro, acrescentado que o

caráter de disposição da virtude deve ser atribuído também aos afetos, porque deles se origina a força que demanda uma disposição usual e costumeira do espírito. Transpondo ao handebol esse ponto de vista, a coragem deve ser vista como virtude e o ato corajoso de decidir equilibradamente por uma outra jogada, eleva a auto estima do atleta e eleva o moral de sua equipe quando o objetivo é alcançado.

A coragem pode ser relacionada a outros termos que embasam determinadas situações corajosas, tais como bravura, astúcia, valentia, vivacidade, ousadia, entre outros, que podem ser usados nas mais variadas situações. Alguns autores, entre eles Barreira (2002) definem coragem como a capacidade pessoal para ter firmeza diante dos perigos e as situações do jogo de handebol evidenciam a necessidade desta qualidade. Em uma situação de contra-ataque a coragem necessária para tomar a decisão de partir para cima do adversário que está retornando para marcá-lo (tendo conseguido esta posição), é condição que só encontramos nos atletas mais refinados, de maior qualidade técnica. Não basta somente dominar a técnica dos dribles em velocidade, das fintas, das passadas e do arremesso final. É preciso ter o domínio (equilíbrio) dos nervos para “corajosamente” tomar a decisão correta, com a devida coragem de realizar e não realizar, por exemplo, quando têm a oportunidade de passar a bola a um companheiro melhor posicionado.

Nesse aspecto, sob o prisma das ciências humanas, Barreira (2002) relaciona a qualidade de ser corajoso, à valentia e a bravura como reforço da masculinidade, dando concretude ao culto da virilidade. Este ponto de vista ganha apoio de Sabo (2002) ao declarar que numa visão simplista, o esporte é o espelho da sociedade, mas que este influencia o modo como os homens e as mulheres se enxergam num processo de construção da identidade. Assim considerando, a característica “corajoso” é generificada e atribuída expressivamente ao sexo masculino. Dunning e Maguire (1997, p. 325) também manifestam opiniões convergentes para o

tema. Afirmam os autores que “o esporte tornou-se uma expressão cultural cada vez mais importante dos valores masculinos tradicionais [...]”.

De certo modo, no senso comum, exclui-se a possibilidade de nas equipes femininas termos atletas com o mesmo nível de coragem, misto de ousadia e bravura. Historicamente alijadas da prática esportiva, as mulheres tiveram que enfrentar desafios para derrubar barreira e quebrar tabus para ocupar espaços considerados reservas masculinas. A imagem da fragilidade feminina, propalada durante muitas décadas, estava longe de associá-la à “virtudes” como coragem, bravura, entre outras. Porém, a assertiva ainda vigente no senso comum, se verifica não ser verdadeira, pela elevada performance que encontramos nestes níveis – de coragem e etc. – entre as atletas do sexo feminino.

Barreira (op. cit.) também relaciona medo com coragem, sinalizando ser o primeiro fator ligado diretamente às mulheres e a segunda como um atributo com dimensão mais valorizada, mais socialmente esperada para o sexo masculino. Os antagonismos alegria–tristeza, medo–coragem são características afetivas ligadas aos sentimentos que reportados às situações do jogo de handebol devem ser explorados em todas as fases de um planejamento de treinamento de alto rendimento, além de servir como balizador para a detecção de talentos. Tradicionalmente espera-se que os sentimentos que possam ocasionar problemas sejam mais aflorados em equipes femininas do que masculinas, pela histórica construção social do corpo generificado. Entretanto, a práxis como professor da modalidade e a pouca, embora significativa experiência, como técnico de equipes femininas, aliada aos resultados por elas alcançados, sobretudo na equipes adulta, mostra-nos que esta tradicional maneira de pensar está sendo rompida, desmistificando o mito da fragilidade feminina. Os fatores antagônicos alegria–coragem, servem de pontos de ancoragem à reflexão.

Conclusão

Na evolução dos jogos com bola ao longo da história, sua prática foi expressivamente desempenhada pelos homens, que dominaram os espaços das práticas corporais, quando ganharam forma competitiva, tornando-os reserva masculina. Da criação do handebol ao seu início, as mulheres até tiveram chance de praticar, mas a visibilidade do esporte se deu nas disputas masculinas. Ao chegar no Brasil essa situação não se modificou, e quando o handebol chegou aos Jogos Olímpicos, houve uma defasagem de quatro anos entre a introdução da modalidade nos Jogos e a participação feminina.

Entre as qualidades julgadas necessárias aos atletas de handebol, a agressividade (instrumental) e a coragem foram debatidas. Nesse sentido, a agressividade e coragem, como qualidades adicionais, observadas sob a ótica da psicologia do esporte com forte conotação nas ciências sociais, podem ser classificadas como “virtudes” necessárias a essa prática. Segundo o entendimento dos vários autores tratados, podemos sintetizar que virtudes são qualidades próprias para que se produzam certos efeitos, características e propriedades. Características humanas, principalmente a coragem, normalmente medida pelo tamanho do desafio.

À coragem podem ser atribuídas outras características como força, virilidade e agressão, inseridas nas denominadas “virtudes morais”, que são a coragem, generosidade, humildade (prudência) e fidelidade (La Taille, 2000). Para o(a) atleta de handebol quanto maior for a necessidade de coragem, provavelmente, maior deverá ser a agressividade, maior será a combatividade necessária para o desempenho de suas funções defensivas e ofensivas.

Podemos concluir das reflexões apresentadas neste texto a necessidade de um aprofundamento nos estudos, especificamente no esporte handebol, sobre estas qualidades, estas virtudes – agressividade e coragem – que, em nossa opinião, são imprescindíveis no esporte de

alto rendimento e que podem ser detectados no início do desenvolvimento dos jovens talentos que apresentam as qualidades físicas e técnicas básicas para o jogo.

A questão encontrada sobre a qualidade coragem ser quase que exclusivamente atributo do sexo masculino merece, também, um aprofundamento visto que o que encontramos na realidade dos resultados encontrados por nossa seleção feminina adulta, desmistificam esta afirmação, com traços de muita coragem nas atuações das atletas. Estudos sobre masculinidade e feminilidade deverão ser a continuidade deste artigo, realçando as características dos(as) atletas envolvidos no desporto handebol quanto a estes aspectos, acrescidos de outras qualidades que julgamos merecer mais atenção que são Força e Vigor e a influência dos esteróides anabolizantes na afirmação das qualidades que foram alvo destas reflexões: agressividade e coragem.

Notas

1 Segundo Lorenz (1966, citado por HOKINO & CASAL, 2001, p. 3) “a agressão é um impulso inato inevitável, que desempenhou uma função positiva na história da evolução do ser humano” .

2 O conceito de “fair-play” implica em: reconhecimento e respeito das regras do jogo, correto relacionamento com o oponente, manutenção das mesmas oportunidades e condições para todos, evitar a vitória a todo custo, atitude honrosa na vitória e na derrota e real compromisso com o que cada um tem como contribuir tanto quanto possível (BOIXADÓS, 1995, p.6).

3 A agressividade hostil ou reativa, segundo Gabler (1987) citado por Salmuski (1992) tem a intenção explícita de prejudicar e lesar o adversário.

Referências

ALVES-MAZZOTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando.1998 *O método nas ciências naturais e sociais*. 2. ed. São Paulo: Pioneira.

BARREIRA, Cesar. 2002. Pistoleiro ou vingador: construção de trajetórias. *Sociologias*. Porto Alegre, 8, jul/dez. p. 52-83.

BIDUTTE, Luciana de Castro; AZZI, Roberta Guergel; RAPOSO, José J. B. V.; ALMEIDA, Leandro S. 2005. Agressividade em jogadores de futebol: estudo com atletas de equipes portuguesas. *Psico-USF*, 10 (2): 179-184.

BOIXADÓS, M.; CRUZ, J. 1995. Construction of a fairpay attitude scale in soccer. *Proceedings. 9º European Congress on Sport Psychology*. Brussels.

DUNNIN, Eric e MAGUIRE, Joseph. 1997. As relações entre os sexos no esporte. *Estudos Feministas*, 5 (2): 321-348.

GIL, Antonio Carlos. 1994. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4. ed. São Paulo: Atlas.

_____. 1996. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas.

GUTIERREZ, Washington. 1980. *História da Educação Física*. 3.ed. Porto Alegre: IPA.

HOKINO, Milton Hidenobu e CASAL, Hiram M. Valdés.2001. A aprendizagem do judô e os níveis de raiva e agressividade. *Efdeportes*. Revista digital, 6(31). Disponível em www.efdeportes.com. Acesso em 6/9/2007.

LA TAILLE, Yves de. 2000. Para um estudo psicológico das virtudes morais. *Educação e Pesquisa*, 26(2): 109-121.

LEAKEY, Richard E.; LEWIN, Roger. 1996. *O povo do Lago*. O homem: suas origens, natureza e futuro. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

LIMA, Máriton Silva. 2006. O direito e as virtudes morais.Caxias/RS. *Jornal da Cidade*. 01/10.

MARINHO, Inezil Penna.1980. *História da Educação Física*. 3.ed. São Paulo: Cia Brasil.

MOURA, Maria Lucia S.; FERREIRA, Maria Cristina; PAINE, Patrícia Ann.1988. *Manual de elaboração de projetos de pesquisa*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

PELLISSARI, Milton F.; ROTTA, Tatiana M. KREBS, Ruy Jornada.2004. Matriz de investigação de comportamentos agressivos no handebol. Disponível em: www.googlesearch. Acesso em 04/09/2007.

RAMOS, Jayr. 1983. *Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo aos nossos dias*. 2 .ed. São Paulo: Ibrasa.

ROMERO, Elaine.1990. *Estereótipos masculinos e femininos em professores de Educação Física*. Tese de Doutorado em Ciências, Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

SAMULSKI, D. 1992. *Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática*. Belo Horizonte: UFMG.

SABO, Donald. O estudo crítico das masculinidades. 2002. In: ADELMAN, Miriam e SILVESTRIN, Celsi Brönstrup (Orgs.) *Gênero plural*. Curitiba: Ed. UFPR, p. 33-46.

SANTOS, João Francisco Severo. 2005. Agressividade e comportamento agressivo no esporte. *Revista Catarinense de Educação Física*. Disponível em:

www.redebonja.cbj.g12/ielusc/revista_edf01/numero01_art05.php. Acesso em 29 de abril de 2009.

SILVA, Marco Antonio F. da. 1983. *Handebol, regras ilustradas, técnicas e táticas*. Rio de Janeiro: Ediouro.

SILVA, Mauro César Sá da. 1996. *Difusão e cultura do handebol no Rio de Janeiro*. 134f. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. As virtudes morais no cenário da modernidade. 2007. In: *Virtudes e educação*. O desafio da modernidade. Campinas: Mercado das Letras, p. 9-15.

AUTORES

MAURO CEZAR SÁ DA SILVA

Escola de Educação Física e Desportos

Departamento de Jogos

Cargo: Professor Assistente IV

Titulação: Mestre

Principais publicações: Cultura Corporal e Qualidade de Vida na Terceira Idade: um breve ensaio. Revista Arquivos em Movimento.v.4, n.2,jul-dez. 2008. p.163-178.

Endereço para correspondência: Rua Joaquim Mandim Filho,767-Lagoinhas -Miguel Pereira/RJ

ELAINE ROMERO

Escola de Educação Física e Desportos

Departamento de Jogos

Cargo: Colaboradora

Titulação: Doutorado

Professora de Educação Física e Pedagoga aposentada pela UFES. Pesquisadora do CNPq, colaboradora no Departamento de Jogos da Escola de Educação Física e Desportos. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade – NEPESS. Autora de diversos livros e artigos científicos publicados no Brasil e no exterior Última publicação - obra: O universo do corpo: masculinidades e feminilidades (2008).